

Artistas se unem para salvar ilha da ruína

Exposição em Porto Alegre revela a Ilha da Casa da Pólvora e seus prédios históricos

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO

PORTO ALEGRE — Se matéria é memória, como defende Bergson, a quarta edição do projeto Arte Construtora, realizada na Ilha da Casa da Pólvora, em Porto Alegre, foi uma marcante experiência poética sobre como a matéria conserva e comunica o peso de sua existência.

Dois artistas de diferentes Estados participaram dessa experiência no limite do imaterial, em que as obras nasceram da ruína para chamar a atenção do visitante sobre a degradação do ambiente urbano — e, mais particularmente, de dois prédios construídos em meados do século 19 e hoje abandonados no centro da ilha, a dez minutos de barco de Porto Alegre.

Foram apenas dois dias de exposição no fim de semana, seguida de uma palestra dos críticos Aracy Amaral e Lorenzo Mammì, na segunda-feira, sobre intervenção urbana e criação artística. O que era um pretexto para chamar a atenção sobre o estado da Ilha da Casa da Pólvora no Rio Jacuí resultou numa surpreendente exposição de premiados artistas. Entre eles estavam o baiano Marepe, os gaúchos Elaine Tedesco, Elcio Rossini, Carlos Pasquetti, Fernando Limberger, Luiza Meyer, Lúcia Koch e Marijane Ricachenevsky, o mineiro Jimmy Leroy e a paulistana Nina Moraes.

O projeto Arte Construtora mostra o processo de extinção do artista contemplativo num mundo que exige ação. O artista é tão responsável pela denúncia da degradação ambiental como o artista ecológico, porque arte, hoje, significa a criação de um espaço de respiração num mundo contaminado pelo excesso, pelo lixo. Nem mesmo resta uma paisagem para se ver nos grandes centros urbanos. Assim, uma instalação ou uma intervenção não resultam menos construtiva do que um projeto arquitetônico, ainda que efêmera. É o que defendem os artistas do projeto Arte Construtora.

Reflexão requintada — Tradução visual desse postulado, a instalação de Carlos Pasquetti no paiol da Ilha da Casa da Pólvora é uma reflexão requintada sobre a memória da matéria. Um perfeito arco metálico, pregado a uma parede devorada pelo musgo, introduz o espectador no reino do caótico, do indiferenciado.

A parede em ruínas parece um afresco renascentista destruído pela ação do tempo. No chão, um simulacro de pedra feito com um cobertor de flanela sugere um momento fenomênico dessa realidade espacial fora do tempo (e do alcance) do espectador. Nesse sentido, a poética de Pasquetti se aproxima da combine-painting de Rauschenberg, que não mais é um plano de projeção do presente, mas um campo que atrai o olho do espectador para o passado.

Essa é a principal preocupação dos oito artistas gaúchos integrantes do núcleo do Arte Construtora, que já organizou exposições semelhantes no Solar dos Cámaras (Porto Alegre, 1992), no Solar Grandjean de Montigny (Rio, 1994) e na Casa Modernista em São Paulo (1994). Elcio Rossini, um dos idealizadores do projeto, conta que as duas edificações em ruínas na Ilha da Casa da Pólvora serão restauradas no próximo ano com verba do BID, dentro de um projeto de despoluição do Rio Guaíba.

O compromisso com a comunidade e o passado das cidades caracteriza toda ação do Arte Construtora, que conta com financiamento do Fumproarte, da prefeitura de Porto Alegre e de empresas privadas da capital gaúcha.

A ação de artistas como Elcio Rossini, porém, se diferencia das earthworks de Richard Long ou Hamilton Fulton. Não existe nas obras do projeto Arte Construtora uma intervenção tão arrogante sobre a terra como nas obras de Long.

As intervenções na Ilha da Casa da Pólvora constituem provas da extrema delicadeza com que os artistas despojam a obra de sua estrutura para que prevaleça o conceito. Por exemplo, o *Quarto das Almas*, de Elaine Tedesco, tem o romantismo das excursões de Long pelo mundo, mas não interfere na paisagem. São mosquiteiros colocados entre as árvores que evocam um espaço imaginário — o da ilha dos mortos, antes que eles abandonem definitivamente a Terra.

Será apenas uma representação metafórica se os visitantes (mais de 300 nos dois dias) não identifica-



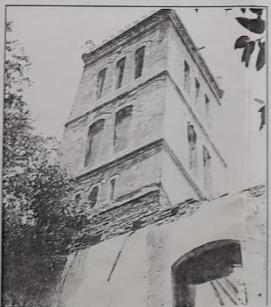
Elcio Rossini: organizando os artistas para preservar a história



Nina Moraes: obra toêmica feita com os restos da civilização



Obra de Elaine Tedesco: para os ausentes



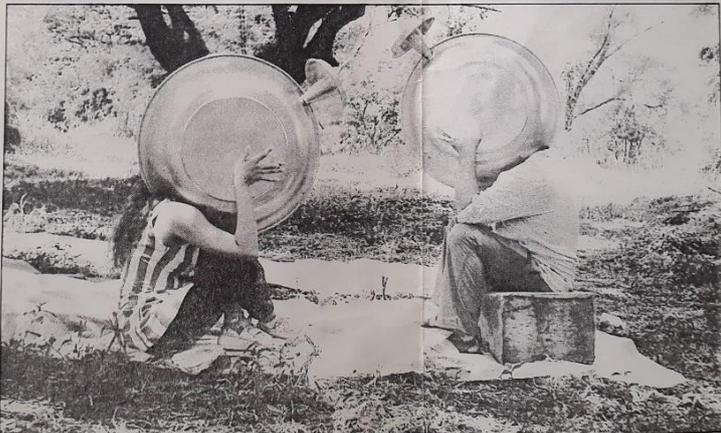
O antigo paiol: à espera dos restauradores



Estado do paiol: arquitetura da destruição



A gaúcha Marijane Ricachenevsky: nuvens de Constable e trompe l'oeil



O premiado baiano Marepe (à dir.): cabeça acústica fez sucesso entre os visitantes

sem na obra algo capaz de os transportar para além da fronteira do visível. Elaine Tedesco busca o que escapa à expressão. Quer evocar imagens dos ausentes, buscando a transcendência num mundo imbuído pela ideia do concreto (nos dois sentidos).

Poética do impreciso — É no âmbito da poética do impreciso, do instável, que também se move o trabalho de outra gaúcha, a fotógrafa Rochelle Costi. Ela reuniu roupas velhas dos antigos moradores da ilha, abandonadas ao acaso, e se-meu sobre elas. Recolheu os restos da civilização e encheu um barco com sacos de lino azuis e lilás. São como sacos numa composição de Burri, em que a matéria se destina eternamente a ser matéria para testemunhar o trágico da condição existencial humana.

Na mesma direção, a paulistana Nina Moraes reuniu objetos de plástico espalhados pela ilha e montou uma estrutura toêmica em que garrafas se misturam a bonecas e bichos. Não se trata do colecionismo primitivo do francês Arman ou do desesperado testemunho de Bispo do Rosário, mas de trazer à vida objetos esquecidos pelos antigos moradores da ilha, o que também aproxima Nina Moraes do campo visual retronegativo de Rauschenberg.

Já Fernando Limberger contrapõe ordenamento artístico e natureza, ao adotar caixas coloridas como sinalização da presença histórica no território do indeterminado. Essas caixas espalhadas são fragmentos de uma ordem mondrianesca nas ruínas de um paiol abandonado aos caprichos da natureza. O olho tem de vagar pela delirante ordem imposta pelo verde das árvores à procura do gesto humano que define aquele espaço. A descoberta do pigmento, da cor, acaba sendo tão gratificante para o olho como a contemplação de um templo babiliônico.

Num outro extremo, a cor funciona como elemento uniformizador, como na obra de Luiza Meyer. Para padronizar as formas, a artista gaúcha pintou máscaras industriais (de bichos) da mesma cor.

pedaços de bambu, elas se assemelham a pequenas montanhas ou nuvens refletidas sobre a água do rio. Parecem estranhas como as nuvens de Constable, que mataram a narrativa pictórica e restauraram novo olhar sobre a paisagem. Mas, como esse céu imaginário de Constable, a paisagem de Luiza não persegue a representação nem quer rivalizar com a paisagem natural.

Essa comparação também passa pela pintura de Marijane Ricachenevsky, feita de nuvens e folhas secas. Atravessa o real e lida com imagens culturalmente qualificadas para construir um trompe l'oeil com a própria realidade (folhas coladas numa folha de papel grudada a um muro verdadeiro). Nesse processo, o objeto é reduzido a um código gráfico, mas a essência natural permanece impressa numa paisagem que já não é mais paisagem, mas memória.

Perspectiva invertida — Com Lúcia Koch desaparece todo traço de figuração. Os signos são absorvidos pelo despojado casabe de madeira habitado pelo último morador da ilha. Koch simplesmente ocupou a casa, instalando nas janelas uma película colorida que modifica a paisagem (real) de Porto Alegre vista da ilha. As quatro paredes que limitavam e condicionavam a vida do antigo morador trazem a cidade para a ilha, invertendo a perspectiva. A parede é uma fronteira que não mais existe.

Em outro trabalho, Lago 93, Lúcia Koch amplia o espaço de uma clareira com luzes artificiais, como se fosse uma superfície pintada, mas a função delas é semelhante à película colorida: criar um espaço cósmico, infinito, num pequeno pedaço de terra cercado de água e esquecido num canto do mundo.

Já a instalação de Marepe pretende despertar o espectador para o problema da percepção condicionada pelo ambiente. Aos olhos do visitante urbano, carcaças de animais não se diferenciam dos objetos deixados pelos antigos habitantes da ilha e, na arqueologia urbana de Marepe, o artista baiano ainda inventa objetos que perdem suas antigas funções — caso de duas bacias que, unidas, formam o que ele chama de "cabeça acústica", um instrumento que fez o maior sucesso entre os visitantes da Ilha da Casa da Pólvora, brevemente um ponto turístico de Porto Alegre graças à intervenção desses artistas que cruzaram o rio para salvar uma ilha da ruína.